

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

11 de Junho de 2021

CARTA BRANCA A AUGUSTO M. SEABRA

XIA NU / A TOUCH OF ZEN / 1969-71

Um filme de King Hu

Argumento (baseado na história “Hsia Nu” (“A Rapariga Magnânima”) de Pu Sung-ling, extraída do livro “Liao-Chai Chih-Yi”/“Estranhas Histórias de um Estúdio Chinês”), *montagem e figurinos*: King Hu (com o pseudónimo de Hu Chin-Chuan para o argumento, a montagem e os figurinos) / *Diretores de fotografia* (35 mm, scope, Fujicolor): Hua Hui-Ying, Chou Yeh-Hsing / *Coreografia das cenas de luta*: Han Ying-Chieh / *Figurinos*: King Hu (com o pseudónimo de Hu Chin-Chuan), Li Chiah-Chih / *Música*: Wu Ta-Chiang; uma canção de Lo Ming-Tao, sobre um poema de Li Pai / *Interpretação*: Chun Shih (*Ku Shen Chai*), Feng Hsu (*Yang Hui-Cheng*), Roy Chiao [Chiao Hung] (*Hui Yuan, o monge*), Tien Peng (*Ou-Yang Nien*), Ying Bai (*General Shih Wen-Chiao*), Han Ying-Cheh (*Hsu Hsien-Chun*), Ping-Yu Chang (*a mãe de Ku*), Hsueh Han (*General Lu Ting-An*), Wan Chung-Shan (*Lu Chiang*), Miao Tien (*o eunuco*), Miao Jui (*Men Ta*), Tsao Chien (*o magistrado*), Han Ying-Chie (*Hsu*), Chia Lue-Shih (*o pai de Yang Hui-Cheng*) e outros. *Produção*: Sha Jung-Feng, para a International Film Company (Taipé) / *Cópia*: digital (transposto do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e eletrónicas em português / *Duração*: 178 minutos / *Estreia mundial*: Hong Kong, 18 de Novembro de 1971 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 24 de Julho de 2010, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema”.

*Se a trama narrativa for simples,
o estilo da realização será mais rico..*
King Hu

Mais do que um filme de género, **Xia Nu/A Touch of Zen** é um filme de autor, um filme de King Hu mais do que um filme de artes marciais. King Hu (1931-97) é considerado um mestre absoluto por muitos críticos europeus e americanos, observadores longínquos do cinema asiático. Olivier Assayas, que o considera “*um gigante exilado*”, observa que este foi precisamente um dos problemas que encontrou o realizador, pois o cinema de Hong Kong é um cinema de géneros e não de autores, cujo público essencial começou por ser o dos imigrantes das diversas *chinatowns* espalhadas pelo mundo, onde não era raro que estes filmes passassem sem legendas, pois se destinavam unicamente aos habitantes daqueles guetos. Mas a carreira de King Hu não se limitou a Hong Kong, onde o realizador se instalou em 1949, aos dezoito anos, depois da tomada do poder pelos comunistas na China. King Hu começou por trabalhar nos estúdios dos míticos irmãos Shaw, em Hong Kong, primeiro como argumentista, passando à realização em 1965 com **Da Zui Xia/Come Drink With Me**. Mas apesar do filme ter sido um êxito, Hu rompeu com os irmãos Shaw mal o trabalho foi concluído. O seu segundo filme (**Long Menkezhhan/Dragon Inn**, de 1967, embora rodado em Hong Kong foi produzido por uma companhia de Taiwan. Sem nunca aderir ao cinema de kung-fu, que teve tanto êxito em todo o mundo a partir dos anos 70, King Hu ficou fiel, explicam-nos os especialistas, ao *wu xia pian*, mais ou menos equivalente aos filmes de espadachins, que segundo Assayas “*é o mais artístico dos estilos do cinema de Hong-Kong. Descendente de uma tradição literária que atravessa toda a história da China, é o único género que se pode proclamar herdeiro de um fragmento da cultura clássica. Esta ascendência o opõe diretamente ao kung-fu e à sua lenda popular*”. Tudo isto fez de King Hu, na opinião de Assayas, um mestre injustiçado, “*demasiado chinês para Hong-Kong e para o Ocidente*”, cujo “*vanguardismo formal e narrativo é intolerável para a indústria local e ininteligível para o público europeu*”. **Xia Nu/A Touch of Zen**, no entanto, pode

seduzir e convencer qualquer espectador sensível à pura *mise en scène*, ao espaço cinematográfico, ao movimento dos corpos, ao ritmo.

King Hu declarava-se ignorante em matéria de artes marciais e dizia que nos seus filmes as lutas são danças derivadas das da Ópera de Pequim, onde se formou o seu fiel coreógrafo, Han Ying-Chieh, que em **Xia Nu/A Touch of Zen**, além de ter coreografado todas as lutas, tem o importante papel de Hsu, o “mau” que tenta capturar os dois heróis na parte final. King Hu é um mestre da *mise en scène* e um esteta, que privilegia o estilo, a pura beleza visual, o “caligrafismo” sobre todos os outros elementos. À medida que o filme progride, tudo se torna mais formalizado e abstrato e é precisamente isto que justifica as três horas da narrativa. Esta evolui, metamorfoseia-se do nível pessoal para o político e deste para o místico, o que permite a King Hu mostrar a sua mestria. A passagem de uma etapa a outra é sempre elegante e, por assim dizer, imperceptível. Como bem observou Richard Combs, os elementos “sobrenaturais” se transformam em cada uma das etapas narrativas: na primeira parte pertencem ao domínio da superstição, na segunda são usados como uma astúcia militar e na terceira se tornam exaltação mística. Estas transformações permitem ao filme passar do prosaísmo deliberado da primeira parte às grandes cenas de conjunto da segunda e daí à extraordinária parte final, com o combate singular entre personagens que representam dois extremos, a sabedoria absoluta e o mal resoluto. Estamos longe do ritmo brutal dos combates de kung-fu e a violência é sempre absolutamente estilizada. Não há nem um só combate em que não haja o uso de uma lâmina (espada, faca, espeto), o combate corpo a corpo limita-se a estender ou completar o das armas de metal. Ao invés da rápida sucessão de planos dos filmes de kung-fu, muitas vezes filmados em *travellings* laterais em que o herói vai dando cabo dos seus adversários um a um, em **Xia Nu/A Touch of Zen** as cenas de combate são filmadas quase sempre em grandes planos gerais, que nos permitem ver o cenário no seu conjunto e todos os antagonistas. Mas King Hu (que além de ser o realizador, escreveu ao argumento, foi o único montador e desenhou parte dos figurinos) é sem dúvida um grande montador e não hesita em inserir em meio aos grandiosos combates curtos planos dos cenários (são raros no cinema os planos gerais breves), o que dá uma dinâmica especial a estas cenas. E alterna com extraordinária elegância planos médios de ferozes embates com planos gerais dos saltos em *ralenti* dos combatentes, que são uma das marcas mais reconhecíveis do cinema de artes marciais asiático. O primeiro combate só tem lugar ao cabo de uma hora de narrativa: é ao fim da única noite que o casal de amantes passa juntos e é esta primeira cena de luta que introduz a segunda parte do filme, em que entram em cena os elementos políticos, ou melhor, a ficção política. No combate final, o casal de protagonistas se afasta da posição central e a luta se trava entre um guerreiro profissional e um monge, que concentra em si a força física e a espiritual. Em **Xia Nu/A Touch of Zen**, o tipo de imagens e o ritmo com que são concatenadas fazem o filme, a “história” é um mero pretexto para as aventuras de uma *mise en scène* altamente estilizada, dominada com mão de mestre por um realizador de envergadura.

Antonio Rodrigues